

REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS

REFLECTIONS ABOUT VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos¹

Resumo: A obra “Variações sobre o ethos” foi traduzida por Marcos Marcionilo e disponibilizada no Brasil no ano de 2020. Nesta, Dominique Maingueneau nos faz reviver conceito de ethos em tempo que traz algumas provocações pertinentes já apresentadas sucintamente, como os termos *destacabilidade* e *sobreesseveração*, em Maingueneau (2014a), ou as “Três dimensões do ethos”, em Maingueneau (2014b).

Palavras-chave: Ethos. Dominique Maingueneau. Análise do Discurso.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

O parisiense Dominique Maingueneau é docente na categoria em ciências da linguagem na Universidade Paris-Sorbone IV sendo uma das referências na AD análise do discurso de origem francesa na contemporaneidade. Tem como referências os achados de pesquisa do pesquisador Michel Foucault, da pragmática e das teorias da enunciação linguística e têm como resultado um vasto número obras que versam sobre o discurso e suas práticas na sociedade. Este autor disserta sobre a resistência do ethos² em contextos diversos e inusuais.

A obra “Variações sobre o ethos” fora traduzida por Marcos Marcionilo, e foi disponibilizada no Brasil no ano de 2020. Dominique Maingueneau nos faz reviver conceito de ethos em tempo que traz algumas provocações pertinentes já apresentadas sucintamente, como os termos *destacabilidade* e *sobreesseveração*, em Maingueneau (2014a), ou as “Três dimensões do ethos”, em Maingueneau (2014b).

“Variações sobre o ethos” é organizada em duas partes principais: uma denominada **Introdução** e a outra **Variações**. Essa última, por sua vez, divide-se em outras três grandes partes, sendo elas: I – *Ethos encaixados*, II – *Corpos públicos* e III – *Para além*

¹ Doutor em Ciências da Educação pela *Absoulute Christian University* (ACU), Estados Unidos. E-mail: douglaspesquisador@gmail.com

² Ethos é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; – é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

do texto: a parte das coisas. Debruçaremos-nos brevemente sobre cada parte, de acordo com o espaço que aqui nos é concedido.

Inicialmente, no **Prefácio**, D. Maingueneau nos alerta sobre a instabilidade constitutiva do ethos. Ele busca mostrar, portanto, os limites e os poderes do fenômeno discursivo, ressaltando que todo enunciado, por mais distante que seja dos textos ‘clássicos’, é passível de análise e de reflexão. Por isso, precisamos concordar com o pesquisador em sua afirmação de que a diversidade de exemplos analisados é admirável: ele passeia de uma peça de Molière a peças publicitárias e, até mesmo, de anúncios em sites de relacionamento a orações religiosas.

Chegando à **Introdução**, D. Maingueneau inicia a retomada de temas caros já tratados por ele anteriormente em suas obras. Com isso, o primeiro tópico se volta para a concepção clássica de ethos, advinda da “Retórica” de Aristóteles. Nela, o objetivo do orador seria causar boa impressão, persuadir o auditório de forma a ganhar sua confiança. Logo, havia a necessidade de mostrar três grandes tipos de ethos, relacionados à prudência, à virtude e à benevolência. Nessa perspectiva, a concepção de ethos também se aproxima da ideia de costume, ressaltando a noção enquanto “processos de constituição de um “si” relativamente estável no interior de uma coletividade” (p. 10).

Aspectos como ethos mostrado e ethos dito, assim como ethos discursivo e ethos pré-discursivo (ou prévio) também recebem breve atenção do autor e são trazidos como uma espécie de revisão, sempre com exemplos que elucidam as noções.

Retomando os nomes que trabalham com a temática, D. Maingueneau aponta para Roland Barthes na esteira dos primeiros nomes a abordar a problemática do ethos, bem como Oswald Ducrot sob o viés da teoria da enunciação, Marcelo Dascal com o conceito de ethos dentro da retórica cognitiva, Ruth Amossy acerca da apresentação de si, sequenciando Erving Goffman e, enfim, ele próprio, observando a questão da incorporação.

A incorporação, então, é discutida a partir de conceitos como fiador, corporalidade e mundo ético, com a exemplificação de um anúncio da marca de uísque Jack Daniels. Em seguida, D. Maingueneau (re)apresenta ao leitor suas colocações sobre a cena de enunciação e sua respectiva organização em cena englobante, cena genérica e cenografia. Para

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

elucidar essas noções, o autor mobiliza corpora como uma entrevista televisa entre jornalista e político e leituras bíblicas em duas diferentes plataformas: webTV e rádio.

Ainda na Introdução, são abordadas as três dimensões do ethos, conceito relativamente recente do autor, proposto em 2014. São dimensões que interagem entre si, a saber: categorial (papeis discursivos ou estatutos extradiscursivos), experiencial (caracterizações sociopsicológicas estereotípicas) e ideológica (posicionamentos). Nesse momento, o autor retoma seu texto de 1998 para exemplificar como essas dimensões funcionam em um artigo publicado em uma revista feminina sobre avanços em relação à sexualidade.

Por conseguinte, a discussão entre ethos monologal e dialogal é desenvolvida a partir de uma entrevista com uma ex ministra acusada de corrupção. Com isso, pensando no processo de negociação do ethos, outras noções como ethos compactos (quando o ethos dito é coerente com o ethos mostrado e com o conteúdo do enunciado) e ethos flutuantes (quando o ethos mostrado independe do ethos dito e/ou do conteúdo) também são suscitadas.

Um poema do final do século XIX e trechos de uma comédia de Molière ilustram a existência de um locutor irreal, assim como acontece com o ethos híbrido, representado na análise uma propaganda de festival artístico. Para mais, os processos de encaixamento e enquadramento são esclarecidos, ao mesmo tempo em que se debate sobre ethos representante e ethos representado, sendo elucidados com a análise de um anúncio em um site de relacionamento. Além disso, os iconotextos também recebem destaque a partir da análise de um anúncio de uma marca de bolsas.

Por fim, encerra-se a Introdução com uma reflexão sobre o movimento de interpretação até o processamento do ethos. Mostra-se, com mais breves análises de corpora não privilegiados, como esses são válidos para análises discursivas e como o ethos é “um dado coextensivo a todo uso da linguagem” (p. 9). Assim, entende-se porque ele é duplamente discursivo: porque acompanha todo uso do discurso e porque precisa ser analisado a partir de suas variadas condições de enunciação.

Como mencionamos anteriormente, a seção **Variações** é dividida em três grandes partes que, por sua vez, contêm três capítulos cada. A **parte I**, intitulada *Ethos encaixados*, traz a análise do encaixamento do ethos em enunciações que estão representadas em uma

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

outra enunciação, como é o caso do teatro. No **primeiro capítulo**, D. Maingueneau trata do arqui-enunciador (ele, de certa forma, mostra o próprio ethos, mas não fala) e sua relação com os ethos mostrados pelos personagens. Para tanto, o pesquisador analisa diferentes trechos de peças teatrais percebendo também a ação do antiethos em obras de Molière.

O **capítulo de número dois** trata do ethos de narrador e do ethos de personagem e apresenta uma discussão sobre o confronto entre ethos representado (personagem) e ethos representante (narrador). Analisa-se aqui o romance “O abatedouro”, de Émile Zola, e a utilização do discurso indireto livre e a percepção do ethos de um fiador. Para o pesquisador francês, o romancista “se atribui o poder de dar acesso ao conjunto do corpo social” (p. 64). Jane Austen também aparece aqui com um caso singular de encaixamento de ethos em que o ethos do narrador recebe destaque por meio da organização textual definida pela autora, o que contribui para a construção de um tipo de ethos. Embora não explicitado qual seria o tipo ideal, ainda se constrói um tipo de ethos da própria narração a partir da transgressão à norma adotada ao longo da obra “Ema”.

O **capítulo três** da parte I é composto análises acerca das encenações do antiethos. Objetiva-se analisar exemplos em que o personagem “encarna para o enunciador representante um antiethos cujas modalidades variam com o tipo e o gênero do discurso envolvidos” (p. 71). O texto analisado é de Blaise Pascal, “As provinciais”, que apresenta a figura do bom Padre que, a partir dos recursos utilizados pelo autor da obra, “visa difundir os argumentos dos jansenistas para um público mundano”, dessa forma, “o ethos encarna a fala e a relaciona a um modo de ser cristão” (p. 73). Ademais, na referida obra, o ethos atua em três planos simultâneos.

O antiethos também aparece na obra “Homo academicus”, de Pierre Bourdieu, em sua tentativa de confrontar os professores de Letras ao fazer das ciências sociais e mostra como as ideias são “indissociáveis de modos de ser, encarnados nos modos de falar” (p. 78). Em conclusão, tem-se a análise de uma reportagem que enfatiza o contraste entre um político de extrema direita e uma mulher habitante de uma localidade rural e pobre na França. A foto que acompanha o texto explicita a relação hierárquica. Nesse contexto, D. Maingueneau aponta para a interferência de um ethos supostamente neutro (o jornal) na desqualificação do ethos representado.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

A **parte II**, denominada *Corpos públicos*, apresenta a observação de enunciações de contextos políticos que são advindas do gênero retórico “deliberativo” e analisa a polifonia constitutiva em três exemplos: o primeiro, tomado da Revolução de 1789, os dois outros da política francesa contemporânea. Isso posto, no **capítulo** de número **quatro**, o primeiro da segunda parte, o corpo do porta-voz é destacado. A primeira análise se dá a partir de um discurso de Robespierre que, ao defender a abolição da pena de morte, demonstra a inscrição em três tempos, como se veria na “Retórica”. Ele parte do relato, produz uma analogia e anuncia o desenvolvimento da própria argumentação. Desse modo, Robespierre suscita em seu discurso uma cena validada, baseada numa memória coletiva. No mesmo capítulo também são analisadas uma pintura de Jacques-Louis David, amigo de Robespierre e defensor dos mesmos ideais, imprimindo na obra imagens condizentes com o discurso do primeiro. Em seguida, um programa político-eleitoral de um militante altermundialista é considerado a partir da sua própria colocação como porta-voz. Mais programas políticos de partidos diferentes são colocados em foco, assim como a própria vestimenta dos candidatos, as quais colaboram para a constituição do ethos dos sujeitos envolvidos.

O ethos do sobrelocutor é posto em evidência no **capítulo cinco**. Aqui, D. Maingueneau trata de enunciações orais, contexto em que a presença física do locutor desempenha papel essencial. Assim sendo, o autor focaliza duas situações: circunstâncias em que o locutor é forçado a tomar a palavra e quando o locutor converte uma enunciação em um evento excepcional. Nessa exemplificação, o pesquisador analisa o discurso do presidente da França em um momento de crise com visibilidade mundial e entende-se que as estratégias utilizadas pelo locutor são mobilizadas no intuito de caracterizar o ataque sofrido pela França como um ato de guerra. O contrário também é analisado quando uma situação a princípio rotineira se torna um momento crítico. O locutor é Barack Obama e, a partir das análises, D. Maingueneau resgata o fio do discurso e o remete ao enunciado de Martin Luther King nos dizeres “a urgência feroz do agora”. O sobrelocutor, então, assume lugar num contexto amplificado a partir do que diz e do conjunto do próprio desempenho vocal e corporal. Nesse viés, a parte superior do corpo do enunciatador se torna nobre e ganha destaque. Passa-se então de locutor a sobrelocutor.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

O **capítulo seis** é composto pela discussão do ethos no corpo. Aqui, D. Maingueneau discorre sobre a modalidade em que “o locutor não é mais, propriamente falando, um locutor, mas se transformou em suporte de um enunciado escrito” (p.114). A partir disso, o autor sugere a mobilização da recente noção de enunciados aderentes (EA), apresentada em um colóquio na Université de Cergy-Pontoise, em 2019. Tal noção é definida como “enunciados escritos que se encontram fisicamente em contato com um objeto que lhe sirva de suporte” esse tipo de enunciado, por sua vez, “não é contingente (...) destinam-se a figurar em determinado tipo de objeto, com o qual formam um todo” (p. 115). Nesse sentido, o autor explica que suporte e enunciado se afetam mutuamente e que esses enunciados ocorrem frequentemente e podem ser dos mais diversos tipos.

Ademais, a atenção volta-se para o corpo humano: “associado a um enunciado, ele introduz uma imagem do indivíduo portador (...) um “portador” alguém que porta um enunciado e um “sustentador” alguém que assume a responsabilidade por ele” (p. 116). Os EA também podem ser classificados em permanentes ou efêmeros, singulares ou compartilhados com uma pluralidade de pessoas.

Após a definição, D. Maingueneau apresenta as análises de diversos corpora, como a manifestação (enquanto pessoa coletiva), a inscrição corporal em publicações em redes sociais e em manifestações em forma de espetáculo/performance. Por fim, o francês analisa o cartazete compartilhado, um cartaz em um formato menor que carrega aforizações em manifestações. É reforçado que essas duas últimas manifestações não são tradicionais, pois são organizadas com o objetivo de atrair a mídia, já que “mídiação e individualização vão de mãos dadas: o enunciado singular confere visibilidade ao indivíduo singular que o assume” (p. 126).

A **parte III**, intitulada *Para além do texto: a parte das coisas*, encerra a obra. No **capítulo sete**, *Uma oração em seu lugar*, encontramos uma análise da interferência do ambiente material na enunciação e, conseqüentemente, na constituição do ethos. Com isso, o autor aborda os enunciados inscritos em rituais, já que, normalmente, eles são pouco estudados pelos analistas do discurso devido a sua estabilidade própria. Logo, D. Maingueneau mais uma vez prova a sua versatilidade e decide analisar a oração “Confissão dos pecados” e as respectivas alterações as quais fora submetida em 1969.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

A partir da discussão levantada pelo autor, compreende-se que as alterações realizadas na oração não deixam de carregar significados, uma vez que elas foram fruto de complexas negociações entre os grupos responsáveis por esse trabalho. Devido à entrada do português brasileiro em detrimento do latim, muda-se o foco do ator central, antes a Igreja, para os fiéis que, ao invés de simplesmente recitar as orações, precisam agora dizê-las. Desse modo, os fiéis ocupam o lugar de locutor ao assumir o que dizem. A análise entre as duas versões da oração segue de maneira ainda mais detalhada ao decorrer do capítulo e, ao final, D. Maingueneau acrescenta a discussão sobre como o próprio espaço físico das igrejas fora alterado a fim de acompanhar as mudanças sofridas.

Passando para o **capítulo oito**, *Agenciamentos e ethos editorial*, encontramos a relação interdependente entre agenciamentos e cenografias. Os debates eleitorais televisionados são tomados como exemplo de diferentes agenciamentos possíveis. Nesse contexto, o autor levanta o questionamento de que cada agenciamento corresponderia a uma cena genérica distinta, o que é comprovado com as imagens ilustrativas analisadas ao decorrer do capítulo, indo desde a instabilidade presente em agenciamentos em salas de aula até aqueles desenvolvidos nos debates citados anteriormente. Ainda, elementos como o microfone são considerados no conjunto responsável pela constituição do ethos nos contextos analisados, incluindo também as igrejas. Por fim, D. Maingueneau aborda a problemática do ethos editorial ao analisar livros dentro da faceta de uma enunciação editorial. A partir disso, somos levados a perceber como até mesmo a disposição da capa dos livros pode ser reveladora do ethos do editor que, por sua vez, interage com o dos autores na busca desses últimos por certa compatibilidade com o texto.

Finalizando, chegamos ao **capítulo nove** que versa sobre o ethos em sua relação com a internet. Aqui, o pesquisador admite o confronto existente atualmente entre analistas do discurso e as novas tecnologias da comunicação e aponta que, diferentemente do que acontece em corpora tradicionais, na internet vê-se a ascensão da cenografia e do hipergênero em detrimento da cena genérica. Isso significa dizer que os elementos utilizados na constituição de um ethos nesses ambientes abarcam os mais variados recursos, de modo a dar conta das dimensões verbal e digital.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. **REFLEXÕES SOBRE A OBRA VARIAÇÕES SOBRE O ETHOS.**

Além disso, a depender do tipo de fonte enunciativa, que favorece um determinado tipo de ethos, também podem se encontrados dois polos, caracterizados pela saliência do ethos ou pelo apagamento do ethos. Para exemplificar tais conceitos, o autor apresenta as interfaces de websites de duas universidades diferentes em seus respectivos processos de construção do próprio ethos. Encerrando o último capítulo, o pesquisador ainda aponta para a existência de um ethos forte ou de um ethos fraco que podem ser construídos a depender dos gêneros discursivos e da forma de conversação instaurada no ambiente digital.

Para concluir o livro, D. Maingueneau traz um levantamento do número de ocorrências do termo ethos em uma pesquisa no Google para comprovar como o tema vem sendo abordado hodiernamente pelos mais diversos âmbitos das ciências humanas e sociais. No entanto, mesmo destacando os **poderes** do ethos, o autor também sente a necessidade de apontar para os **limites** da noção. Com isso, ele nos instiga a considerar quais corpora seriam mais frutíferos para uma análise dessa alçada e nos deixa uma pista: aqueles em que, de forma escrita ou oral, “se define uma identidade individual ou coletiva que, por um trabalho de posicionamento implícito ou explícito, deve fazer “boa figura”, mostrar uma forma coerente e significativa para determinada coletividade” (p. 168).

Mesmo com as colocações tão ousadas e inovadoras que D. Maingueneau se propõe a entregar, precisamos alertar os leitores de que nem sempre a constituição do ethos precisa estar necessariamente relacionada ao objetivo de fazer “boa figura”. Há estudos como a tese de Silva (2014) e até menções na própria “Retórica” de Aristóteles que se referem a características negativas visadas na construção do ethos. Ainda assim, “Variações sobre o ethos” pode ser considerada mais uma obra de relevância na bibliografia do autor e para os estudos discursivos, demonstrando o contínuo trabalho do pesquisador e o esforço para fazer da análise do discurso uma disciplina atualizada e condizente com os contextos de uma realidade que muda constantemente.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.
- SILVA, M. S da. **Ciberviolência, ethos e gêneros de discurso em comunidades virtuais: o professor como alvo**. Recife: UFPE, 2014, 250f. Tese (Doutorado em Linguística).

Recebido em 08/09/2021
Aprovado em 20/11/2021